

09-03-2020

Dançando às escuras

Sônia Gertner

[Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão da Pessoa com Deficiência.
Coordenação de Saúde do Trabalhador da Fundação Oswaldo Cruz]

Recebi recentemente uma mensagem de áudio com um convite muito tentador/instigador. Trata-se da iniciativa de realização de encontros de pessoas cegas para dançarem juntas. Acontece no Rio de Janeiro três vezes por semana em três pontos de encontro distintos.

O projeto chamado *Dançando às escuras* é apresentado como uma forma de inclusão e lazer de cegos e pessoas com baixa visão. Junto à página do Prof. Álvaro Souza¹ encontramos mais páginas relacionadas com outras iniciativas louváveis, tais como, *Pedalando juntos* ou *Caminhando às escuras*, com objetivos semelhantes.

A mensagem que encerra esse convite se resume numa frase, que nos provoca a sair da inércia, seja em nossa vida pessoal ou de cidadão brasileiro vivendo tempos de perplexidade e imobilismo frente ao obscurantismo e a barbárie do bolsonarismo.

O convite é: *Dance bem, dance mal, dance sem parar!*

Fez-me lembrar uma crônica de Clarisse Lispector² chamada *Amor*, em que a narradora está seguindo em sua vida rotineira e sem graça, quando da janela do bonde ela avista um cego parado no ponto, ele estava mascarando chiclete e parecia que ao fazê-lo sorria de prazer.

Como é presente no estilo dessa autora genial, o episódio dispara na personagem vários questionamentos sobre o que é a vida, os relacionamentos, o sentido de felicidade.

A mulher é impactada por este encontro e se torna mais ainda atordoada quando é levada em seus pensamentos a revisitar seus valores e escolhas e percebe o quanto não enxergava de sua realidade. E como alguém já disse: nos contos de Clarice, de uma forma geral, as personagens experimentam a felicidade, mas jamais fazem isso de maneira banal. Por isso, a felicidade existe, mas clandestinamente, fora das fronteiras da “normalidade”.

Em tempos obscuros tomei estes pensamentos como uma epifania, um súbito pensamento inspirador e iluminado que promove a compreensão de alguma coisa.

O que temos a aprender com esta revelação?

Bruno Sena Martins em sua tese intitulada *E se eu fosse cego?*, reflete sobre os conceitos e preconceitos a respeito da cegueira e como estão arraigados social e culturalmente. Destaca que o maior sofrimento por vezes é vivenciado nas relações sociais opressivas que permanecem largamente indiferentes às narrativas das pessoas cegas.

Frequentemente, essas pessoas experimentam a exclusão tendo que viver reféns de valores que ousaram superar, mas que pela insistência permanecem como uma estrutura conceitual desinformada e baseada nas ideias de incapacidade, infortúnio e tragédia pessoal. Citando em sua pesquisa Victor Turner, acrescenta: *“As pessoas que cegam subitamente empreendem uma dolorosa experiência de aprendizagem e reconstrução, em que o significado da vida e o significado da cegueira tendem a dançar juntos. Seria importante que uma aprendizagem social, informada pelas experiências das pessoas cegas, pudesse acompanhar as reconfigurações biográficas das implicações da cegueira.”* Navegando por essa inspiração chego ao filme *Dancer in the dark* [Dançando no escuro]³ do cineasta dinamarquês Lars Von Trier, brilhantemente estrelado pela cantora Björk. O seu personagem, Selma, sofre de uma doença hereditária degenerativa que está lhe ocasionando uma rápida cegueira progressiva. Por isso, Selma guarda cada centavo que ganha com seu trabalho para custear uma operação que evitará que seu filho sofra do mesmo destino. O musical se desenrola com muita maestria, dramaticidade e com um desfecho trágico.

A sensibilidade e musicalidade são para Selma o amparo do amor-entrega e da re-existência.

Após a brutal cena final, sobem os créditos enquanto ouvimos a canção intitulada *New World*, em nossa mente, apenas flutua a frase estampada no último instante do longa e a qual deixo como iluminação em nossa luta contra as trevas medievais que nos assolam: *“They say it’s the last song. They don’t know us, you see. It’s only the last song if we let it be. (Eles dizem que é a última música. Eles não nos conhecem, você vê. Será apenas a última música, se deixarmos que seja.)”*

Não chegamos à música final. Não importa a diversidade de nossa condições, experiências, cores, crenças ou percepções, a música que queremos continuar dançando sempre é a democracia.

Assim, concluo que precisamos mais do que nunca da dança, da música, da literatura, do cinema e da academia para resgatar o coletivo, o inclusivo, a mobilização para rompermos a inércia, nos indignarmos e, ao mesmo tempo, nos deixarmos embalar pela sensibilidade, pela alegria, pela emoção, pela resistência, pela esperança, pela utopia. ■ ■ ■

Veja os links:

1 - <https://www.facebook.com/Dan%C3%A7ando-as-escuras-11258982025455/>

2 - http://www.releituras.com/clispector_amor.asp

3 - <https://www.youtube.com/watch?v=bHjgBGTz4rQ>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.